

Resumo de Pedagogia da Indignação

Parte I

Cartas pedagógicas

FREIRE, P. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Por: Elaine de Oliveira Ferreira¹

Apresentação

Tarde de verão, de sonhos realizando-se no meio das saudades imensas.

São Paulo, 11 de fevereiro de 2000.

Fala final da apresentação de Ana Maria Araújo Freire, sobre o livro Pedagogia da Indignação. A obra surge a partir da intenção da viúva de Freire, Ana Maria Araújo Freire, publicar os escritos deixados por Paulo Freire, em forma de cartas quando faleceu, em 2 de maio de 1997.

Ana Maria considerou esse momento, como um momento de grandes emoções. Foi um total de 29 cartas manuscritas, nas quais, segundo ela, ele revela algumas de suas inquietações, e um pouco das últimas construções antropológicas e políticas.

Ainda na apresentação do livro, Ana Maria revela aos leitores de Freire, que foi com grande dor ao ler os textos denominados *cartas pedagógicas* pelo próprio Freire, decidiu enfrentar suas próprias emoções. Após um período de quase 1 ano da sua leitura, compreendeu que esses escritos, são fundamentais para quem estuda a obra Freireana, tanto por neles estarem de fato as suas últimas reflexões escritas, como pela importância e modo de abordagem dos temas tratados.

Ana Maria enfatiza em sua apresentação que para Freire, as verdadeiras ações éticas e genuinamente humanas nascem de dois sentimentos contraditórios e só deles:

¹ Mestre em Educação do Campo dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular na UFF. Pesquisadora Extensionista em Pedagogia Social PIPAS UFF. Professora de Educação Física. Email: elaineof19@hotmail.com.

do amor e da raiva. A partir disso, destaca conceitos como antropologia política, epistemologia histórico-cultural, filosofia sociológica, e inéditos viáveis.

Ana finaliza a apresentação dizendo que, tem o desejo de que os leitores de Paulo Freire, não considerem essa obra em especial como uma “obra póstuma”, mas como uma obra que tenha como finalidade celebrar sua VIDA.

A seguir, o Prof. Dr. Em Ciências da Educação e amigo de Paulo Freire Balduino Andreola, de um modo muito especial, escreve o prefácio de Pedagogia da Indignação como uma carta resposta a Freire. Ele decidiu escrever a Paulo Freire, porque pensa que cartas recebidas de amigos devem também ser respondidas por carta.

Balduino destaca que na primeira das Cartas, Freire propõe escrever num clima de abertura ao diálogo, de tal modo que o leitor ou a leitora pudesse ir percebendo que a possibilidade do diálogo com seu autor se acha nelas mesmas, na maneira curiosa com que o autor as escreve aberto à dúvida e à crítica. Ainda no prefácio, Balduino traz o trecho de uma publicação especial da revista *Esprit*², na qual o também amigo de Balduino, filósofo Paul Ricoeur, trata da perda do amigo Mounier. Para Ricoeur, (1950):

(...) em certo sentido, uma obra atinge a verdade de sua existência literária quando seu autor morreu: toda publicação, toda edição inaugura a relação impiedosa dos homens vivos com o livro de um homem virtualmente morto.

Assim, Balduino reconhece a densidade contida na reflexão do amigo Ricoeur, e considera que as cartas deixadas por Freire, permitem um questionamento a partir do que compreende como diálogo interrompido. Para ele, Paulo passa a ter um papel de presença-permanência, no que se refere a todos os eventos e discussões que envolvem as obras de Freire.

Além disso, Balduino responde a Paulo que a leitura de suas cartas pedagógicas, foi para ele como a imersão numa imensa onda cósmica de ânimo, de esperança e do sentimento de que vale a pena persistir na luta. Agradece a Freire pelas contribuições valiosas deixadas para todos, mães, pais, educadores e educadoras do novo século e do novo milênio.

² Paul Ricoeur, *Une philosophie personaliste*. *Esprit* (Paris), p.860-87, déc.1950. Texto incluído no livro *Histoire et Vérité*, Paris: Seuil, 1955; *História e verdade*, Trad. De F. A. Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense, 1968.

Balduino deixa claro que a leitura atenta das Cartas de Freire, exigirá dos leitores uma releitura de toda obra de Freire. Para ele, as cartas acrescentam novas dimensões, ressignificando, em sua totalidade, o legado de Freireano. Aborda também perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética, e da política, para existência pessoal e coletiva.

Destaca o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento.

E finaliza o prefácio anunciando que as cartas, lançarão luzes novas sobre os caminhos de milhares de educadores, e de muitos milhões de pessoas, no mundo inteiro, que inspirados na obra de Freire, lutam para a construção histórica de um novo projeto de humanidade.

Primeira carta: Do espírito deste livro

A primeira carta trata de advertências de Freire, a respeito da importância de se educar para a liberdade. Ele relata sua inquietação sobre escrever através de cartas pedagógicas em estilo leve cuja leitura tanto pudesse interessar jovens pais e mães quanto, filhos e filhas adolescentes ou professoras e professores que, chamados à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nelas elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas.

Enfatiza a questão da história e da cultura, e implicações referentes ao processo de mudança social. Para Freire, o que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada. Faz uma reflexão sobre as revoluções tecnológicas, sobre o modo como essas revoluções encurtam o tempo entre uma e outra mudança.

Aborda a questão do risco de educar para liberdade, repensando o papel histórico e cultural. Fala da importância de uma educação que, em lugar de procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo.

Sobre o processo de transformar o mundo, deixa claro que, é na condição de seres transformadores que percebemos que a nossa possibilidade de nos adaptar não

esgota em nós o nosso estar no mundo. Para Paulo, é porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele, o mundo e com outros.

Nesse sentido, fala da educação progressista, enfatizando que essa educação jamais pode em casa ou na escola, em nome da ordem e da disciplina, castrar a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador do seu ser.

Destaca a importância dos sujeitos que assumem seus limites. Para Freire, discursos lúcidos e em práticas democráticas, a vontade só se autentica na ação de sujeitos que assumem seus limites.

Em relação à autoridade e liberdade, fala da necessidade de compreensão e do assumir-se como autoridade e liberdade. É vivendo com lucidez a tensa relação entre as duas, que ambas descobrem não serem necessariamente antagônicas uma da outra.

Deixa clara a preocupação com famílias que experimentam uma educação com total liberdade, ou seja, em que as crianças tudo podem. Como também, com famílias em que as crianças caladas, cabisbaixas, “bem comportadas”, submissas nada podem.

Atenta para a questão dos modos contraditórios, o autoritário ou o silencioso, que trabalha contra a urgente formação e contra o não menos urgente desenvolvimento da mentalidade democrática entre nós.

Freire tem como intenção, propor experiência de leituras de cartas, para que o seu leitor ou leitora, perceba a possibilidade do diálogo com o seu autor, na maneira curiosa com que o autor escreve aberto à dúvida e à crítica. Fala também, da probabilidade do leitor jamais ter um encontro pessoal com o autor, fundamental é que fiquem claras a legitimidade e a aceitação de posições diferentes em face do mundo. Aceitação respeitosa.

O processo de ‘leitura de mundo’ ganha grande destaque na primeira carta, como um exercício constante, demandando um exercício necessariamente a compreensão crítica da realidade. Envolvendo de um lado, sua denúncia, de outro lado, o anúncio do que ainda não existe.

Freire enfatiza que a leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que fazer político-pedagógico, isto é, da ação política que

envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade.

Sobre a superação da realidade injusta, Freire considera uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora, trabalhar a legitimidade do sonho ético político da superação da realidade injusta. Neste sentido, a pedagogia radical jamais pode fazer nenhuma concessão às artimanhas do “pragmatismo” neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos.

Declara ainda na primeira carta, que um de seus sonhos ao escrever as cartas, foi desafiar pais e mães, professoras e professores, operários, estudantes, a refletir sobre o papel que temos e a responsabilidade de assumir esse papel, na construção e no aperfeiçoamento da democracia. Estas cartas pedagógicas expressaram para Freire, mais um momento da luta que empenhou como educador, portanto, como político também, com raiva, com amor, com esperança, em favor de um Brasil mais justo.

Segunda carta: Do direito e do dever de mudar o mundo

A segunda carta trata diretamente sobre as possibilidades de mudança, e Freire inicia dizendo que mudar, implica saber que fazê-lo é possível. Para ele, é certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que “chegam” em sua geração. E não fundadas ou fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões.

Considera que a transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta.

Aborda também, a importância da capacidade reflexiva, decisória, do ser humano, no sentido de reconhecer a relevância da forma como a sociedade organiza sua produção, para entender como estamos sendo. Para que após o reconhecimento do quão condicionado ou influenciado pelas estruturas econômicas, possa ser capaz de intervir na realidade condicionante.

A respeito da educação, salienta a importância da não neutralidade, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável. Reflete ainda, sobre a necessidade que a criança aprenda que a sua autonomia só se autentica no acatamento à autonomia dos outros.

Adverte sobre a tarefa progressista de estimular e possibilitar nas circunstâncias mais diferentes, a capacidade de intervenção no mundo. Considera a questão do Movimento dos Sem-Terra, reconhecendo esse movimento como inconformismo e autenticidade.

Finaliza falando sobre a relevância das marchas, nesse aspecto, se refere a categorias como dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública, dos sem-teto, dos sem escola, dos sem hospital, dos renegados. Denomina marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.

Terceira carta: Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos- índio pataxó.

Nesta carta, Freire inconformado com o assassinato do Índio Pataxó³, Galdino Jesus dos Santos, faz considerações sobre a barbárie cometida por cinco adolescentes que atearam fogo no corpo do índio, que dormia numa estação de ônibus, em Brasília.

Paulo reflete sobre classes sociais como, a do pobre, do mendigo, do negro, da mulher, do camponês, do operário e do índio neste pensar. Salienta que a perversidade intolerável praticada pelos adolescentes, os faz desgentificar, e a partir disso, nesse ambiente, ao invés de crescer, eles decresceram.

Neste sentido, Freire repensa também a figura dos indígenas como seres minimizados e do desrespeito da mentalidade materialista da posse das coisas. Na

³ O líder indígena foi assassinado enquanto dormia em uma parada de ônibus em Brasília no dia 19 de abril de 1997, o crime foi cometido por 5 adolescentes da alta sociedade de Brasília. Galdino estava em Brasília, para tratar de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia. Participou de comemorações referentes ao Dia do Índio, voltou a pensão em que estava hospedado e foi impedido de entrar por causa do horário. Por esse motivo, abrigou-se na parada de ônibus.

possibilidade da inexistência das relações no cotidiano das pessoas, e em seu lugar, a ética do mercado, do lucro.

Adverte sobre o dever de luta pelos princípios éticos, a seu ponto de vista, mais fundamentais, como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. E enfatiza que não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

A respeito da educação neste contexto, acredita que a educação sozinha não transforma a sociedade, contudo, sem ela tampouco a sociedade muda. A partir disso, o posicionamento progressista se dá por meio da convivência com o diferente e não de sua negação, diminuindo a distância entre o que fizemos e o que fazemos.